

Negócios

diariodonordeste.com.br/negocios

DESINVESTIMENTO DA PETROBRAS

Terminal de GNL do CE e térmica postos à venda

O processo está ligado ao programa de vendas de ativos da estatal, que busca reduzir a dívida da empresa e fazer caixa

A Petrobras abriu processo competitivo para a venda de terminais de Gás Natural Liquefeito (GNL) no Ceará e no Rio de Janeiro e das usinas termelétricas associadas a esses empreendimentos. Porém, a estatal informou, em nota enviada à reportagem, que, “até o momento, não há qualquer acordo firmado que confira segurança quanto à conclusão da transação, nem deliberação por parte da Diretoria Executiva ou do Conselho de Administração da Petrobras”.

O processo está ligado ao programa de vendas de ativos da Petrobras, que busca reduzir a dívida da empresa e fazer caixa com as operações. A meta da empresa é se desfazer de US\$ 14,4 bilhões em ativos só neste ano. O terminal de regaseificação do Ceará, localizado no Porto do Pecém, no município de São Gonçalo do Amarante, fornece gás natural para as usinas TermoCeará (da Petrobras) e Enel TermoFortaleza.

O terminal do Pecém tem capacidade de regaseificação de 7 milhões de metros cúbicos (m³) por dia. A unidade foi a primeira do Brasil, dando início à atuação da Petrobras como agente no mercado internacional de GNL. Já o terminal do Rio de Janeiro, situado na Baía de Guanabara, consegue regaseificar até 20 milhões de m³ diários.

Em terra

O titular da Secretaria da Infraestrutura do Ceará (Seinfra), André Facó, lembra do projeto do governo estadual que visa construir no Pecém, em parceria com a Petrobras, uma unidade de regaseificação de GNL em terra. Desde 2008, o processo de transformação do gás é feito dentro de uma unidade móvel, o navio Golar Spirit.

“Vamos aguardar para ver como a Petrobras vai se pronunciar e saber o que altera na nossa estratégia. Mas continuamos buscando parceiros para ter



O terminal do Ceará, no Pecém, tem capacidade de regaseificação de 7 milhões de metros cúbicos por dia. A unidade foi a primeira do Brasil, dando início à atuação da Petrobras como agente no mercado internacional de GNL. FOTO: REGINA CARVALHO

Negócios
PORTALEZA, CEARÁ
Quinta-feira, 9 de junho de 2016

PETROBRAS
Venda de 2 campos de petróleo no CE preocupa
As concessões no Estado estão localizadas nos municípios de Aracati e Icapuí. Decisão foi anunciada em março.

happvida
Faz bem pra você

INDICAÇÃO DO PMDB
Meirelles mantém Holanda no BNB

EM 2016
Estado fecha 19,5 mil vagas

AFIRMA MINISTRO
Trabalho: lei será aprimorada

Na edição do último dia 25 de maio, o **Diário do Nordeste** noticiou a possível venda das concessões de dois campos produtores de petróleo no Ceará

VALOR

14,4

bilhões de dólares é o montante que a empresa petrolífera pretende obter com a venda de ativos somente neste ano

uma regaseificação em terra, não necessariamente com a Petrobras”, disse Facó. “A gente tem que ver quais são os ativos realmente dela (da Petrobras), os que são do Estado, para analisar o que vai impactar o nosso projeto”, acrescentou.

Campos de petróleo

No último dia 25 de maio, o **Diário do Nordeste** noticiou a possível venda das concessões de dois campos produtores de petróleo no Ceará (Fazenda Belém de Aracati e Icapuí), o que pode gerar efeitos negativos tanto na arrecadação do Estado como na geração de empregos e na manutenção de programas sociais e ambientais da Petrobras.

Na época, o presidente do Núcleo Nordeste Setentrional da Associação dos Engenheiros da Petrobras (Aepet), Ricardo Pinheiro, disse que há o risco de encerramento das operações nos campos, caso as concessões não sejam vendidas. A Fazenda Belém é responsável por 180 empregos diretos (próprios e terceirizados) e cerca de 250 indiretos.

A decisão de vender as concessões dos campos do Brasil foi

Capacidade

A Petrobras é a maior operadora de termelétricas do País, com cerca de 6 gigawatts em capacidade instalada em operação. Na semana passada, o novo presidente da estatal, Pedro Parente, afirmou que os desinvestimentos “são fundamentais” para a companhia, que não prevê contar com socorro financeiro do governo brasileiro no momento.

Recentemente, a Petrobras fechou a venda de ativos na Argentina e no Chile por US\$ 1,4 bilhão, também como parte de seu programa de desinvestimentos.

Negócios

diariodonordeste.com.br/negocios

PETROBRAS

Venda de 2 campos de petróleo no CE preocupa

As concessões no Estado estão localizadas nos municípios de Aracati e Icapuí. Decisão foi anunciada em março

BRUNO CABRAL
Repórter

A possível venda das concessões de dois campos produtores de petróleo no Ceará poderá gerar efeitos negativos tanto na arrecadação do Estado como na geração de empregos e na manutenção de programas sociais e ambientais mantidos pela Petrobras. Essa é a perspectiva da Associação dos Engenheiros da Petrobras (Aepet), caso a concessão dos campos de Fazenda Belém, localizada nos municípios de Aracati e Icapuí, seja vendida.

Entretanto, mesmo que não encontre compradores, há o risco de encerramento das operações do campo, com prejuízos ainda maiores para o Estado e para os dois municípios, diz Ricardo Pinheiro, presidente do Núcleo Nordeste Setentrional da Aepet, que defende a continuidade da operação. “Se as concessões forem vendidas, pode haver uma redução do quadro de trabalhadores, mas se não houver comprador, há o risco de os campos serem fechados”, diz.

A Fazenda Belém é responsável por 180 empregos diretos (próprios e terceirizados) e cerca de 250 indiretos.

A decisão de vender as concessões dos campos foi anunciada pela Petrobras no último dia 4 de março. Na ocasião, a empresa petrolífera informou a pretensão de vender 104 concessões em todo País, sendo duas no Ceará. Segundo Pinheiro, em 2010 a empresa já havia tentado vender os campos cearenses, que acabou não se concretizando. “Mas o motivo da venda agora é fazer a capitalização da empresa, fazer caixa”, ele diz. Em 12 de maio a Petrobras anunciou um prejuízo de R\$ 1,246 bilhão no primeiro trimestre.

Motivo

Embora a intenção de vender os campos tenha sido anunciada durante a gestão do ex-presidente



A venda dos campos cearenses ou o encerramento de suas atividades irá impactar também na operação da Fábrica de Lubrificantes do Nordeste (Lubnor), já que a Fazenda Belém é responsável por 20% do petróleo processado pela empresa

de da Petrobras, Aldemir Bendine, a expectativa é de que o novo presidente da companhia, Pedro Parente, dê continuidade ao saneamento da empresa iniciado pelo seu antecessor.

O representante da Aepet entende que a situação atual do mercado do setor de petróleo não justifica a venda da concessão da Fazenda Belém. Segundo ele, bastaria que o preço do petróleo suba um pouco mais e que se trabalhe na redução de custos operacionais, sem a necessidade de redução de pessoal, para que o campo continue a operar. “Se o campo for fechado ou vendido, o Ceará terá muitas perdas, sendo elas técnicas, econômicas e sociais. A Petrobras está produzindo nesses municípios há mais de 30 anos e tem uma obrigação, um compromisso com a sociedade onde ela está inserida”, diz.

Arrecadação

De acordo com a Aepet, a venda dos campos cearenses ou o encerramento de suas atividades irá impactar também na operação da Fábrica de Lubrificantes do Nordeste (Lubnor), já que a Fazenda Belém é responsável por 20% do petróleo processado pela

RISCOS



“Se forem vendidas, pode ter redução de empregos. Se não houver comprador, há o risco de os campos serem fechados”

RICARDO PINHEIRO
Pres. do Núcleo NE Setentrional da Aepet

la empresa. “Os campos de Aracati e Icapuí produzem em torno de 1.800 barris por dia, e como essa produção é processada pela Lubnor, se essa participação for reduzida a arrecadação de ICMS irá diminuir”, diz Pinheiro.

Como os 80% restantes do petróleo processado pela Lubnor é proveniente da Fazenda Alegre, no Espírito Santo, o engenheiro diz que a preocupação é de que o campo daquele estado também

seja vendido. “O campo do Espírito Santo não está dentro do pacote anunciado pelo Bendine, mas caso ele seja vendido no futuro, aí o impacto para o Ceará seria muito grande”, ele diz. Estima-se, que apenas para o município de Icapuí, a exploração do campo de Fazenda Belém, corresponda a 60% dos impostos arrecadados.

Fazenda Belém

Na área da concessão de Fazenda Belém foram perfurados cerca de 1000 poços e atualmente há 395 poços em produção e 58 poços injetores de água. A produção média dos campos é de 1500 Barris por dia (últimos 12 meses), que após a perfuração recente de 60 poços, passou para cerca de 1800 Barris por dia. O preço do Barril de petróleo tipo Brent, referência para o mercado de petróleo, se encontra em cerca de 50 dólares por barril.

Sem retorno

Procurada pela reportagem para comentar a possibilidade da venda das concessões, a Petrobras não enviou um posicionamento a respeito do assunto até o fechamento desta edição.

**Neila Fontenele**Colunista do
Núcleo
de Negócios
do **O POVO**Esta Coluna é
publicada de
terça a sábado

O POVO ECONOMIA

Petrobras: além da queda, o coice...

A Petrobras confirmou os boatos: o terminal de gás natural liquefeito (GNL) do Porto do Pecém e a termelétrica Ceará, conhecida como TermoCeará, estão sendo vendidos. Com capacidade de regaseificação de sete milhões de cúbicos por dia no Estado, o terminal abastece duas termelétricas (Fortaleza e Ceará). Ambas as empresas continuam funcionando para garantir a segurança energética do País, mesmo com o programa de desligamento gradativo das companhias do setor.

No mercado, a venda desses ativos da Petrobras é bem avaliada e representa apenas uma troca de dono. O problema é o momento político: o segmento elétrico parece bagunçado para investidores estrangeiros que estão se afastando do Brasil e não há mais fontes financiadoras como no passado recente.

Com isso, na avaliação de pessoas do mercado, os preços podem ser puxados para baixo. Como foi dito na coluna de sábado, o processo de desinvestimento da Petrobras no Ceará deve ser vigoroso.

Funcionários da companhia acreditam que, além dos campos de exploração de petróleo em Aracati e Icapuí, do terminal de gás no Pecém e da TermoCeará, deva ser posta também à venda a usina de Biocombustíveis, em Quixadá. Especula-se ainda que o tamanho da Lubnor deve ser reduzido.

Caso tudo isso ocorra, o Ceará pode efetivar várias perdas: os investimentos para conseguir a Refinaria Premium II e projetos importantes consolidados pela companhia. Como diz o ditado popular: “além da queda, o coice”.

NOVO MODELO 1

EMPRESA MENOR

O processo de apresentação desse programa de desinvestimento vem sendo criticado pela falta de transparência, o que não deveria ocorrer principalmente no caso de uma empresa de capital aberto, mas algumas coisas começam a ficar claras.

O presidente da Associação dos Engenheiros de Petróleo da Petrobras do Nordeste Setentrional (Aepet-NS), Ricardo Pinheiro Ribeiro, explica que “este processo de ‘downsizing’ vai concentrar as atividades da Petrobras no pré-sal, e só”.

O modelo que vem sendo apresentado para a “nova Petrobras”, segundo ele, é de uma empresa bem menor em número de empregados e em área de atuação. “Pode ser que venha a melhorar sua lucratividade, mas, com certeza, deixará de ser a grande alavancadora do desenvolvimento industrial do Brasil, como vinha sendo nos últimos 10 anos”, lamenta.

NOVO MODELO 2

Dispensa de terceirizados

Para o engenheiro, uma questão que preocupa é a quantidade de empregados terceirizados que estão sendo dispensados em todas as atividades. Ele acrescenta que uma mão de obra bastante especializada está perdendo o emprego no Ceará e no Rio Grande do Norte, onde as economias não conseguem absorver toda esta força de trabalho.

USINAS ABANDONADAS APOSTAS QUE NÃO DERAM CERTO



NO ESTADO DO CEARÁ

Frustração dos projetos para produção de combustíveis

A ameaça de fechamento da Fazenda Belém (FZB), pela Petrobras, coloca em risco a economia dos municípios de Icapuí e Aracati

ELLEN FREITAS
Colaboradora

Icapuí. Buscando reverter a intenção da Petrobras em vender campos no Estado do Ceará, os petroleiros estão fazendo mobilizações nas cidades onde a estatal possui bases. A primeira audiência pública foi realizada na cidade de Icapuí, no litoral leste, a 222 quilômetros de Fortaleza, onde se localiza a Fazenda Belém (FZB), campo que também faz parte do território de Aracati. De acordo com o Sindicato dos Petroleiros do Ceará e Piauí (Sindipetro-CE/PI), o movimento irá se estender também a Paracuru, Fortaleza e Quixadá.

O principal objetivo é mobilizar petroleiros, gestores dos mu-

nicipios envolvidos, parlamentares e governo do Estado para os riscos à economia e empregos com a possível venda dessas bases, bem como buscar apoio para levar a posição dos trabalhadores cearenses ao nível federal. A primeira audiência foi realizada no dia 10 de maio, na Câmara de Icapuí. Na região, a Fazenda Belém possui 35 anos de operação e a unidade gera em torno de 400 empregos, diretos e indiretos, além de ser importante contribuidora para a arrecadação do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) para os municípios de Aracati e Icapuí.

Após essa primeira mobilização, foi elaborado um relatório, onde há informações importantes sobre a Fazenda, que seguirá para o governo do Estado e Legislativo cearense, onde também serão convocadas audiências públicas. O documento destaca que a produção da FZB segue para a Lubnor, fábrica de lubrificantes que fica no bairro Mucuripe, em Fortaleza. De acordo com o Sindipetro-CE/PI, com o fechamento da unidade de Icapuí/Ara-

cati, cerca de 1.500 empregos também estarão comprometidos na Lubnor. Na FZB há atualmente 395 poços em produção, gerando uma média de 1.500 barris por dia. O barril está custando em torno de US\$ 50.

Dependência

Para o Secretário de Desenvolvimento Agrário do Estado (SDA) e ex-prefeito de Icapuí, Dedé Teixeira, a Petrobras ajudou muito no desenvolvimento do Município, com royalties e ICMS. Segundo ele, 60% do ICMS de Icapuí é advindo da Petrobras. “Nós temos três âncoras de desenvolvimento em Icapuí: a pesca, as frutas e a exploração de petróleo e posso afirmar aqui que a Petrobras fechando, a cidade quebra”, disse Teixeira.

Outro fator destacado no documento é o comprometimento de projetos socioambientais financiados pela Petrobras. Um desses projetos é o “De Olho na Água”, cuja sede fica na Praia de Requenguela, em Icapuí. Lá, crianças e jovens da rede pública municipal e estadual, aprendem e se engajam nos programas de

proteção ambiental. O projeto já recuperou, ao longo dos três anos em que está em execução na localidade, oito hectares de mangue e implantou 525 canteiros ecológicos. A Petrobras também mantém programas de relação com as comunidades onde ela atua nas cidades de Fortaleza, Caucaia, Quixadá, Paracuru, Icapuí e Aracati.

Impacto negativo

Para o prefeito de Aracati, Ivan Silvério, o fechamento da Fazenda Belém representará um impacto negativo para o Município, em termos econômicos e de empregos que são gerados com essa cadeia.

“Vou participar de uma reunião onde estará também o prefeito de Icapuí, para tentar buscar alternativas para essa situação da Fazenda Belém. Sou contra esse fechamento, o Município só perde com isso, mas, infelizmente, não depende somente de nós, é uma decisão vinda de Brasília, segundo eles para reduzir custos. Mas faremos o que estiver ao nosso alcance para impedir o fechamento”, afirmou.

O presidente do Sindicato dos Petroleiros dos Estados do Ceará e Piauí (Sindipetro-CE/PI), Oriá Fernandes, foi enfático ao se dizer contrário o fechamento ou venda de qualquer unidade da Estatal no Ceará e que essa medida irá impactar em toda a cadeia produtiva do Estado.

“Não aceitamos esse fechamento ou venda, que gerará desemprego, não só em Icapuí e Aracati, mas afetará toda uma cadeia de produção no Ceará”, enfatizou o sindicalista.

Para pressionar a diretoria da Estatal e o governo federal, o Sindipetro-CE/PI informou que os petroleiros de todo o País realizarão uma paralisação nacional, em protesto contra o fechamento e venda dessas unidades. A mobilização será realizada no próximo dia 10 de junho, durante 24 horas.

Desde julho de 2015 o Conselho de Administração da Petrobras aprovou a venda dos campos terrestres do Nordeste e Norte Capixaba e a Estatal anunciou, no dia 4 de março deste ano, que pretende vender 104 concessões em todo o País.



TQ-122203

A Fazenda
Belém faz parte do
território de Icapuí e
Aracati
FOTO: ELLEN FREITAS

PRODUÇÃO INSUFICIENTE



Esperança do biodiesel deu lugar à decepção no Sertão Central

Segundo a Petrobras, a Usina funciona de forma otimizada
FOTO: JOSÉ AVELINO NETO

Em 2008, a chegada da unidade da Petrobras Biocombustível a Quixadá fez nascer uma nova esperança no Sertão Central

JOSÉ AVELINO NETO
Colaborador

Quixadá. Na época da implantação da Petrobras Biocombustível nesta cidade do Sertão Central do Ceará, além do milho e do feijão, que tomavam os canteiros dos produtores rurais, estavam oleaginosas, como o girassol e a mamona, que seriam vendidas para a Usina. Passados oito anos, o principal empecilho para que as coisas dessem certo não parece ter sido a questão financeira, mas sim o clima.

“A última vez que eu plantei foi em 2014 e, naquele ano, eu perdi toda a minha safra. Não deu mais não”, afirma o agricultor Reginaldo Silva de Sousa. Ele plantava e vendia as oleaginosas que a Usina precisa. Quando foi instalada na cidade, a unidade fez uma parceria com os produtores da região, a fim de incentivar e fortalecer a economia rural.

“Tudo o que eles plantam, a gente compra. Mas a seca tem comprometido esse rendimento”, afirma Marcus Saldanha, gerente da Petrobras Biocombustíveis de Quixadá. Reginaldo confirma: “Em 2013 eu ainda vendi, mas foi bem pouquinho, porque a safra já tinha sido pouca. Ai, como eu perdi toda a plantação em 2014, no ano passado e neste ano não plantei”.

O cenário é de dificuldades, mas a Petrobras contra-argumenta que não deixou de investir no setor do biocombustível. “Temos uma parceria com 1.300 famílias de agricultores em 16 municípios, além de um convênio com 120 piscicultores, de quem compramos o óleo de peixe”, afirma Marcus. Ele assegura que a produção no local nunca foi interrompida e que houve até expansão nas atividades: “Em 2008, nós produzíamos cerca de 58 milhões de litros de biodiesel, e saltamos para uma capacidade nominal de 108 milhões de litros nos anos seguintes”.

No entanto, muitos trabalhadores foram dispensados de suas funções. “Tem muita gente revoltada por aqui, dizendo que eles botaram pra fora sem motivo. A situação pra muito pai de família tá difícil”, afirmou um comerciante do distrito de Juatama que não quis se identificar.

A realidade do lugar é bem diferente de anos atrás. Segundo a Secretaria de Agricultura Familiar de Quixadá, boa parte do quadro de funcionários da empresa ainda é do distrito, mas o efetivo é cerca de 70% menor que antes. Atualmente, a empresa trabalha com um quadro de 140 funcionários, sendo 40 efetivos e 100 contratados. O comércio do Município já começa a sentir a retração do consumo.

Marcus Saldanha fala de competitividade ao explicar a razão das demissões. “Estamos sempre revendo nossos processos, fazendo melhorias tecnológicas, automatizando e procurando fa-

zer mais com menos, visando melhorar nossa competitividade”, explica.

Desativação

Já o presidente do Sindicato dos Petroleiros dos Estados do Ceará e Piauí (Sindipetro-CE/PI), Francisco Carlos Oriá, fala em desativação dos projetos relacionados à agricultura familiar e transferência de atividades administrativas para os Estados da Bahia, Minas Gerais e Rio de Janeiro, além de terceirização de atividades antes exercidas por empregados concursados, problemas que, a seu ver, contribuíram para a redução no número de empregos diretos.

Segundo Oriá, os empregados que restaram estão sobrecarregados. Ele destaca que a usina fica ao lado de uma ferrovia e havia uma promessa do governo do Estado de viabilizar o transporte de óleo por esse meio, o que reduziria os custos, promessa que não foi concretizada e que, somada a outros problemas, junto às atuais regras dos leilões da Agência Nacional do Petróleo (ANP), tem impedido o aumento da capacidade instalada da usina e diluição dos custos fixos. “Por este motivo, a Petrobras Biocombustível vem cortando na própria carne”, terceirizando atividades-fim na operação e laboratórios, extinguindo setores como agricultura familiar e manutenção”.

Especialistas na área de economia rural atribuem ao surgi-

SAIBA MAIS

A USINA foi inaugurada em agosto de 2008. Mas só começou a operar em setembro daquele ano. A baixa produção dos agricultores locais foi um problema desde o início

MUITA GENTE não acreditava que o modelo de negócio fosse dar certo, e que o plantio de cultivo de oleaginosas, em substituição aos produtos com os quais os agricultores já cultivavam para sustentar a família, fosse se tornar algo rentável

O DESCRÉDITO por parte dos agricultores fez com que a produção inicial ficasse em torno de 1% do que era esperado para que a Usina iniciasse sua produção

mento de negócios mais rentáveis frente aos biocombustíveis, como o pré-sal, a razão para uma defasagem no setor. O impacto no quadro de funcionários da empresa também pode ser relacionado com a crise que a estatal vivencia, imersa em um escândalo de desvios.

Embora Marcus Saldanha descartasse a possibilidade, a soma dos problemas, unida a questões como a diminuição no quadro de funcionários, leva o presidente do Sindipetro a dizer que a ameaça de venda ou fechamento ain-

da é real, “pois, sem incentivos do Estado, o custo da matéria-prima torna a sua operação inviável. E caso continue omissão, o prejuízo social e econômico para o Estado é certo”.

Para os agricultores, o problema foi a seca. Para quem trabalha no lugar, o problema parece maior: “Somente uma ampla colaboração da sociedade e participação ativa dos vereadores de Quixadá, deputados estaduais e federais, senadores e do governador Camilo Santana podem salvar a usina e garantir seu funcionamento, gerando emprego e renda para Quixadá e para o Ceará”, disse o sindicalista.

Garantia

A Petrobras esclarece que mantém convênio com a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Ceará (Ematerce), por meio do qual presta assistência técnica a cerca de 1.300 agricultores familiares (safra 15/16) da região produtores de mamona. A companhia também garante a compra de toda a mamona produzida por esses agricultores como forma de garantir a manutenção do Selo Combustível Social, exigência do Programa Nacional de Produção e Uso do Biodiesel para que as empresas possam comercializar o biocombustível nos leilões da ANP, Gas Natural e Biocombustíveis.

Paralisação foi completa nos Inhamuns

HONÓRIO BARBOSA
Colaborador

Crateús. A implantação de uma indústria de produção de biodiesel nesta cidade, nos Sertões dos Inhamuns, gerou muitas expectativas, mas o sonho de ampliação de emprego, do au-

mento da renda da agricultura familiar e do desenvolvimento econômico local esbarrou na inviabilidade econômica, escassez de matéria-prima, questões ambientais, de logística e até de dúvidas sobre a seriedade do empreendimento. Depois de nove anos da inauguração da unidade

industrial da Brasil Ecodiesel, ficou um sentimento de frustração entre moradores e produtores rurais. Muitos já se esqueceram das promessas não realizadas e outros só lembram porque o prédio ainda continua de pé.

Localizada às margens da rodovia de entrada da cidade, a indústria só funcionou parcialmente por três anos. Foi inaugurada em 2006, pelo então presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, num dia de grande festa. “Foi um sonho que não deu certo”, diz a presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Crateús, Maria de Fátima Gomes. “Até o plantio de mamona acabou. Os agricultores desistiram da cultura”. No campo, a tristeza se abateu entre os produtores e a esperança cedeu lugar à frustração.

A implantação da indústria, que iria transformar oleaginosas em biodiesel, não vingou. As me-

tas anunciadas na inauguração eram ambiciosas: produção anual de 118 mil litros de biodiesel por ano e geração de cerca de 500 empregos diretos. A produção chegou a 400 mil litros por dia, mas logo foi reduzindo. A matéria-prima (mamona) produzida na região sequer atendia 5% da demanda. A empresa ainda tentou trazer grãos de outros Estados, mas a logística tornou o empreendimento inviável.

“Sem matéria-prima não havia como a indústria funcionar”, observa o coordenador da Comissão Municipal de Defesa Civil (Comdec) de Crateús, Teobaldo Marques. “O projeto tornou-se inviável e houve problema ambiental a partir da poluição do Rio Poti”. Além desses aspectos, Marques levanta suspeita sobre a seriedade do empreendimento: “Os investimentos no Ceará e no Piauí foram abandonados”.

O secretário de Agricultura do Município, Jorge França, insiste na falta de escassez da matéria-

prima. “Os agricultores plantaram mamona no passado, mas essa cultura não vingou. Faltou adesão, aceitação. Agora os produtores querem investir em milho, feijão e sorgo”, disse.

Em cima e no pé da Serra de Crateús alguns agricultores aderiram ao programa de incentivo ao biodiesel. Na Lagoa das Pedras, Expedito Siqueira foi um deles, chegando a cultivar cerca de três hectares, consorciando a cultura da mamona com o milho. “Sem comprador, baixa produção e com um preço diferente do combinado não deu para continuar plantando. Muita gente se animou, pegou semente, mas não deu certo”, explicou.

A empresa explicou, na época do fechamento da unidade, que a decisão deveu-se à falta de matéria-prima na região e à inviabilidade de aquisição e transporte de soja de outros Estados.

Nove anos após a inauguração da Brasil Ecodiesel, só restou a frustração
FOTO: DIÓGENES VIEIRA



**Neila
Fontenele**

Colunista do
Núcleo
de Negócios
do **O POVO**

Esta Coluna é
publicada de
terça a sábado

O POVO ECONOMIA

MARCHA À RÉ

DESINVESTIMENTO DA PETROBRAS

A Associação dos Engenheiros da Petrobras do Nordeste Setentrional (Aepet) lança um alerta sobre o impacto do processo de desinvestimento da Petrobras no Ceará. No dia quatro de março, a companhia informou a pretensão de vender 104 concessões em todo País, duas delas no Ceará. O impacto da decisão pode ser terrível para o Estado, caso não apareçam compradores.

A maior concessão no Ceará estaria no campo de Fazenda Belém, que representa 20% do petróleo processado pela Lubnor. A projeção dos engenheiros é que o fechamento do campo acarretaria uma série de prejuízos ao Estado e à comunidade, com a redução da arrecadação.

Na avaliação da Aepet, a situação atual de mercado da área de petróleo não justifica a venda da concessão. No caso da Fazenda Belém, os engenheiros ressaltam que basta o aumento do preço do petróleo, para que se desenvolva um programa de redução de custos operacionais.

AUDIÊNCIA PÚBLICA EM ICAPUÍ DEFINE RUMOS PARA MANUTENÇÃO DE EXPLORAÇÃO NOS CAMPOS TERRESTRES



Audiência Pública garantiu o apoio de todos os 11 vereadores de Icapuí. Será produzido um documento sobre o Campo e entregue aos deputados federais, estaduais, senadores e ao governador do Ceará, Camilo Santana. Outras audiências públicas serão solicitadas nas cidades de Quixadá, Paracuru, Fortaleza, Caucaia, etc.

A audiência Pública no dia 13 de Maio, ocorrida na Câmara Municipal de Icapuí, debateu a venda do Campo de Fazenda Belém e garantiu o apoio dos 11 vereadores do Município contra o desmonte das Petrobrás no Ceará. O debate foi fruto de pressão da mobilização ocorrida no dia 10 de Março pelos petroleiros da base do Sindipetro CE/PI e contou com a presença da FUP, AEPET, UESM, Sindipetros RN e Bahia, além do secretário de agricultura do Estado e ex-prefeito de Icapuí, Dedé Teixeira. A Audiência foi requerida pelo vereador Eurivan de Paula.

A Petrobrás anunciou no dia quatro de março a pretensão de vender 104 concessões em todo País, sendo duas delas em Icapuí. Desde Julho de 2015 que o Conselho de Administração da Petrobrás aprovou a venda dos campos terrestres do Nordeste e Norte Capixaba. O representante dos trabalhadores na época, Deyvid Bacelar, foi contra a medida e desde que as informações tornaram-se públicas, ele alertou a FUP e os Sindipetros, que promoveram embates contra a medida.

O Campo de Fazenda Belém gera cerca de 400 empregos (diretos e indiretos) e já tem mais de 35 anos de produção. Ele é considerado maduro, mas recentemente foram perfurados cerca de 120 poços e há perspectiva de perfurar mais 800 poços.

Mesmo que não ache compradores, há um risco de o campo ter sua operação encerrada, alertou o engenheiro Ricardo Pinheiro, da Associação dos Engenheiros da Petrobras nos Rio Grande do Norte e Ceará (AEPET-NS). "Esse fechamento não afetará só Icapuí e Aracati, mas toda uma cadeia de produção no Ceará, pois [Fazenda Belém] tem uma forte parceria com a Lubnor, em Fortaleza", disse.

Ele explica que o óleo de Fazenda Belém tem características químicas que justificam sua segregação para processamento pela Lubnor. "A produção de Fazenda Belém corresponde a cerca de 20% do volume de petróleo processado pela Lubnor, que gera cerca de 3000 empregos (diretos e indiretos) no Ceará, além de ser um grande contribuinte de ICMS", esclareceu o representante da AEPET. Como solução, a AEPET indica a necessidade

de ação política junto à Presidência da Petrobras para a suspensão da venda do Campo, e indica a necessidade de uma melhor avaliação dos impactos em toda a cadeia produtiva no estado do Ceará.

"A situação de mercado do setor petróleo não justifica a venda da concessão. Para Fazenda Belém, basta que o preço do petróleo suba mais um pouco e se trabalhe para redução de custos operacionais, sem redução de pessoal, pois se o campo for fechado ou vendido, o Ceará terá muitas perdas, sendo elas técnicas, econômicas e sociais. A Petrobras está produzindo neste município há mais de 30 anos e tem uma obrigação, um compromisso com a sociedade onde ela está inserida", concluiu.

O presidente do Sindipetro Ceará/Piauí, Oriá Fernandes, relatou que os impactos no repasse dos campos terrestres à iniciativa privada podem causar grande desemprego na região, e destacou que as terceirizadas não concedem a mesma cobertura assistencial que a Petrobrás. "Não podemos baixar a guarda, a privatização não é a melhor saída para manter os postos de trabalho, esse tipo de atitude pode ocasionar precarização do trabalho e consequências sérias para a vida do trabalhador. Para nós do sindicato, o trabalhador está em primeiro lugar", destacou.

Para o diretor do Sindipetro Bahia, Radiovaldo Costa, a venda de Fazenda Belém não é um problema só de Icapuí ou do Ceará, nem só da Bahia ou do Rio Grande do Norte, mas de todo o Brasil. "A Petrobrás é uma empresa integrada e vender Fazenda Belém ou qualquer outra unidade não é um negócio simples, pois nenhum governo, nenhum presidente da Petrobrás ou do País deveria ter o direito de vender o patrimônio do povo", disse.

O coordenador-geral do SINDIPETRO-RN, José Araújo, desmentiu os boatos de que a Petrobrás estaria "quebrada" e "falida". "A Petrobrás não está quebrada e seus funcionários não são corruptos; foram eles que ajudaram a empresa a ser uma das mais valiosas do mercado. Recentemente, bateu recordes de produção de petróleo nos campos do pré-sal, chegando à marca de 800 mil barris de petróleo por dia, em 11 de abril". Araújo ressaltou ainda

que, "no Rio Grande do Norte, a Petrobras responde por cerca de 47% do PIB industrial do Estado, o que promove emprego e renda para a população".

O diretor da FUP, Leonardo Urpia, levou à audiência dados bastante interessantes, segundo ele, Icapuí, que possui 20 mil habitantes, já chegou a receber R\$ 1 milhão em royalties, com produção de 1700 Barris por dia. O Ceará já recebeu R\$ 60 milhões em royalties. Mas o mais importante disso é a geração de empregos e tecnologia. Segundo ele, o Índice de Desenvolvimento Humano se tem atividade da Petrobrás é maior do que das cidades vizinhas que não tem atividades da Petrobrás e 82% das áreas de exploração terrestres não foram exploradas na Petrobrás. "Por que as empresas privadas não procuram esses campos não explorados? Porque elas não querem investir, querem pegar o que já tá pronto, sugar e ir embora", alertou Urpia, afirmando que os campos terrestres, em seu conjunto de exploração, nunca deram prejuízos a Petrobrás em toda sua história.

Dedé Teixeira afirmou que a Petrobrás ajudou muito o desenvolvimento do município, com royalties e ICMS. Segundo ele, 60% do ICMS do município é contribuindo pela Petrobrás. "Nós temos três âncoras de desenvolvimento em Icapuí, a pesca, as frutas e a exploração de petróleo e posso afirmar aqui que a Petrobrás fechando a cidade quebra", disse.

Projeto "De Olho na Água" – Além das atividades diretamente relacionadas à exploração de petróleo, a Petrobrás desenvolve projetos sociais e ambientais nas cidades em que mantém bases ativas. É o caso do Projeto "De Olho na Água", realizado pelo terceiro ano em Icapuí. A ação oferece emprego, renda e estimula a formação de consciência ambiental. Caso a Petrobrás se retire da atividade de exploração dos campos terrestres, este e outros projetos serão extintos. Atualmente, o "De olho na Água" já recuperou oito hectares de mangue e 525 canteiros ecológicos. Cerca de quatro mil alunos da rede estadual e municipal utilizam o projeto para pesquisa e conscientização sobre o meio ambiente.

Encaminhamentos - Um documento será produzido pelo Sindipetro CE/PI, Câmara Municipal de Icapuí e Aepet, resumindo dados, custos, investimentos, renda, empregos, valores, produção, etc., sobre os campos de Fazenda Belém para apresentar aos deputados estaduais, federais, senadores e ao governador do Ceará. Audiências públicas serão solicitadas em outras cidades onde existem unidades da Petrobrás.

Fazenda Belém em números - Na área da concessão de Fazenda Belém foram perfurados cerca de 1000 poços e atualmente há 395 poços em produção e 58 poços injetores de água. A produção média dos campos é de 1500 Barris por dia (últimos 12 meses), que após a perfuração recente de 60 poços, passou para cerca de 1800 Barris por dia. O preço do Barril de petróleo tipo Brent, referência para o mercado de petróleo, se encontra em cerca de 50 dólares por barril.

NA IMPRENSA - Diário do Nordeste, 26 de Maio de 2016, Caderno Negócios, página 1.



Fechamento de Fazenda Belém impactará diretamente a produção na Lubnor e quebrará financeiramente Icapuí